



Saudade não se explica e não tem definição é muita coisa que fica bem dentro do coração.

Oswaldo José Leal ♣ 19.10.98

Deus me lembra, a cada dia, que sou seu filho adorado: trago o nome de Maria na palma da mão gravado!

Aurora Spinelli Crotti ♣ 08.01.99 (Informativo UBT SP/SP 247, 01.99: http://www.luzdoorient.com.br/ubt)

Todos me chamam Maria: filha da dor e do mar. O mar me deu poesia; a dor, o dom de cantar.

Maria da Costa Lage —† λ

Se alcanço as estrelas, me encontro contigo.

Às vezes a lua não cai por milagre.

Se durmo tristonho, desperto em sorrisos.

Canários dourados despertam o dia.

Insetos se escondem nos cantos do muro.

Amigos que partem semeiam saudades.

Eu tenho dois olhos que há muito não choram.

Retratos desbotam, mas não envelhecem.

Saudades são beijos de velhas lembranças.

Se curvo o meu dorso, aumento em virtudes.

Cercado de amigos, a vida é mais linda.

Humberto Del Maestro, * Breves —†

No inverno longo e silente que atinge a terceira idade, há um fenômeno envolvente: não cai neve, cai saudade!

José Messias Braz —† ζ

Pobre horizonte pequeno de quem crê, sem ver mais nada, que uma rosa com sereno é só uma rosa molhada!

Artlindo Tadeu Hagen —† ζ

Uma surpresa graúda na vida de todos cabe: quanto mais a gente estuda vai vendo que menos sabe!

Nato Azevedo (C.P.A.)

Velhice é vestibular para a morte, não me iludo. Ninguém deixa de passar e não precisa de estudo.

Hildemar de Araújo Costa

Abençoa, Deus bendito, este meu labor profundo... Graças a ele, acredito, supero as mágoas do mundo!

Ercy Maria Marques de Faria (Sem Limites UBT Bauru/SP, 12.98)

Flamboiã rubro qual fogueira crepitando lança chamas no ar.

Goga (Hidekazu Masuda) —† μ

Pelo tronco desce um batalhão de formigas, ostentando as flâmulas...

Goga (H. Masuda) —† μ

Cor-de-rosa pétalas, forram as águas do lago. Flamboiã despido.

Fanny Luiza Dupré (1911/1996) —† μ

Brisa perfumada calma noite enluarada jasmineiro em flor.

Fanny Luiza Dupré —† μ

Ancião sereno com buquê de rosas brancas: pra quem o oferece?

Goga (H. Masuda) —† μ

Ao dobrar a esquina não preciso do endereço. Flores de jasmim.

Maria Reginato Labruciano —† μ

Carnaval na roça sem enfeite nem pandeiro só com frigideira.

Goga (H. Masuda) —† μ

Quarta-feira de Cinzas na escadaria da igreja palhaço dormindo.

Fanny Luiza Dupré —† μ

Chá de ocasião antigas meigas amigas refrescam o verão.

Sabiá (Tomoko Narita) —† μ

Na vazante da maré homem do caranguejo pesca na lama.

Hazel de S. Francisco —† μ

Do chumbo da tarde de repente se desgarra a voz da cigarra.

Roberto H. Saito —† μ

Um susto matinal: na caixa do correio duas mariposas!

Paulo Franchetti —† μ

Lá nos céus as nuvens se agitam formando castelos de batalha, rompendo-se umas contra as outras, e num clarão o raio se espalha. E cá na terra, as árvores se agitam em sinistro balouçar. Até as águas calmas do lago se irritam ante o magnetismo do ar. O vento agora faz escaramuças fantasiando-se de furacão. E a chuva não pede escusas, desaba inundando o chão. Mas logo tudo passa confirmando a nossa esperança: Deus nunca faz trapaça – “Após a tempestade vem a bonança!”

Leonardo Cezário dos Santos, Tempestade —† v

Estou ali refletido. Será que sou eu? Por meu platônico rosto e meu reflexo fosco leio algo de incerto... Há nesse espaço neutro outro impacto além do gesto.

Leonardo Cezário dos Santos, Espelho —† v

Quando o dia se deita nos braços suaves da noite e o sol abraça a lua sem que a gente veja, em nossos caminhos sem espreira um amor proibido viceja na saudade que como açoite vaga por nossas ruas...

Amor Platônico —† v

Tão distante e tão perto estamos jungidos por dentro (separados por certo) sonhando nos encontrarmos por fora.

Leonardo Cezário dos Santos,

Existe lá no Sertão uma praça pequenina onde um pobre lampião silencioso ilumina.

Yolanda Queiroga de Assis, de Palco do Meu Eu, 1998

Brando o lampião de gás fragilmente iluminava e sua luz dava paz à cidade onde eu morava.

Na ruela tão fugaz tristonho bruxuleava... O ermo lampião de gás sonolento clareava.

Distante, no interior, a cidade tinha olor e gosto de solidão.

Eu olhava de um recanto, a luzinha sem encanto ofuscar a escuridão.

Yolanda Queiroga de Assis,

Lampião de Gás —† σ

Chuva de verão. Enxurradas nas calçadas... O céu lava o chão.

Therézinha Diegues Brisolla

Escrebo, más que cantar cuento cosas.

Destino: La Humanidad

Ingredientes: Mucha pena mucha rabia algo de sal.

Forma: ya nace con ella.

Fondo: que consiga emocionar.

Música: la que el verso toca – según lo que va a bailar –

Técnica: ¡Qué aburrimiento!

Color: calor natural

Hay que echarle corazón, la verdad de la verdad, la magia de la mentira – no es necesario inventar –.

Y así contar lo que pasa – ¡nunca sílabas contar! –.

Y nace solo el poema... Y luego la habilidad de poner aquello en claro si nace sin claridad.

Gloria Fuertes (1918/1998),

Telegramas de Urgencia Escribo —† Z

La vida es un “Desde luego”. * Un “¡Pues sí!” Un no parar de sorpresa en sorpresa, un no poder decir nada: “de este agua no beberé”; todo es escurridizo – aquí cae el más santo –.

Yo no entiendo nada. Bueno, algunas veces entiendo todo. Hay curas que matan desde el confesionario, y otros tantos que se dejan matar. Los pueblos no se entienden. Urge ser profesor de idiomas. Paciencia, algunos siglos y podremos desentendernos de este no entender nada, de este látigo, de este latiguello de... “¡Pues sí!”

Gloria Fuertes,

¡Pues Sí! —† Z

Amei-a. Amei demais. Amei-a tanto que é impossível dizer o quanto a amava. Cobriu-me a face, certo dia, o pranto quando a mim mesmo desse amor falava.

Sei não ser fácil alguém amar o quanto eu pude amar aquela que esperava ser no ocaso da vida um acalanto, sendo a paz que a minha alma reclamava.

E de tudo que dei sem sacrificio, uma coisa, porém, é-me difícil: sem ela caminhar pela amplidão.

Desejo, pois, que ela devolva, agora, para a minha alma, a placidez de outrora, devolvendo-me o azul da insidãõ.

Alaôr Eduardo Scisínio, Súplica: de D'Amor – Sonetos, Editora Cromos, 1991

Vai, meu filho ao corolário do Direito imaginário e encontra a luz da verdade, pois teu sonho de menino é o mais audaz peregrino que luta por um destino no esplendor da mocidade!

Saibas, filho amado – e eu sei – que nos sonhos que sonhei nas linhas da tua estrada, havia tanta lembrança, havia tanta esperança, desde quando eras criança, no início da caminhada.

Hoje pões o anel no dedo; um bacharel, muito cedo, vinte e dois anos, apenas... E eu sinto o teu mundo assim: Um majestoso jardim, com beija-flor, querubim, vaga-lumes e açucenas.

Ao cumprires tua meta, o meu sonho de poeta me diz, bem claro e perfeito, que, fugindo da cobiça, deixando ao longe a preguiça, buscando sempre a justiça, reluzirás no Direito!

Ês moço... e eu sou quase-velho, mas, aos teus pés me ajoelho, numa prece comovida: Eu te suplico, meu filho, não percas nunca este brilho de muito amor no estribilho da canção da tua vida!

Ninguém é mais, nem é menos, porque todos são pequenos quando os planos não são seus. Se a vida é só um momento, leva o sonho em movimento seguindo o rumo do vento, no movimento de Deus!

Ao filho Érico, Jurista por vocação.

Eduardo Antonio de Oliveira Toledo

Al que ingrato me deja, busco amante; al que amante me sigue, dejo ingrata; constante adoro a quien mi amor maltrata; maltrato a quien mi amor busca constante.

Al que trato de amor, hallo diamante, y soy diamante al que de amor me trata; triunfante quiero ver al que me mata, y mato al que me quiere ver triunfante.

Si a éste pago, padece mi deseo; si ruego a aquél, mi pundonor enojo: de entrambos modos infeliz me veo.

Pero yo, por mejor partido, escojo de quien no quiero ser violento empleo, que, de quien no me quiere, vil despojo.

Sor Juana Inés de la Cruz (1651/1695) —† T



—† T Antologia de la Poesía Española (II) de Maria del Pilar Palomo, 1985

—† Z Antologia Poética (1950/1969) “Claro.” “Certamente.” “Naturalmente.” “Imediatamente.” *

—† λ Entre Montanhas e Trovas – Coletânea de Trovas da UBT – Belo Horizonte, 1997: Rua Albita 423/800, 30310-160 – Belo Horizonte, MG (a/c Luiz Carlos Abritta)

—† μ Natureza – Berço do Haicai Kigologia e Antologia, 1996 Livraria da Aliança Cultural Brasil Japão Rua Vergueiro 727, 1º, 01504-001 – São Paulo, SP

—† σ Poesias – Disfarces do Destino, 1998

—† v Sinfonias – Poemas, Armazém de Ideias Ltda., 1998

—† ζ Trovaregre, 01.99; UBT – Pouso Alegre: Rua Afonso Pena 10, Apto. 902 37550-000 – Pouso Alegre, MG

—† Trovas, Haicais e Outros Poemas (*), 1998 (CP 45006, Laranjeiras; 29165-250 – Serra, ES)

A **glosa**, utilizando por mote uma trova, propicia a criação de quatro quadras ou trovas, empregando-se os quatro versos em sua ordem original, isto é: o primeiro verso repete-se no primeiro verso da primeira quadra, o segundo é repetido no segundo verso da segunda, e assim por diante, até o quarto verso. Formam-se, portanto, quatro novas composições poéticas. O conjunto forma um poema que mantém o sentido da trova que o originou.

Dá-se, às vezes, que um trovador, por apreciar a trova de outro, toma essa trova por mote, surtindo daí a glosa.

A **grinalda de trovas** é uma composição poética cuja técnica constitui em se utilizar o último verso de uma trova como primeiro verso da trova seguinte, até que se formem quatro trovas. A quinta trova é formada com os últimos versos das anteriores. Todas as cinco, embora ligadas pelo assunto, devem ter sentido completo, e cada uma delas poderá tornar-se independente das outras, sem prejuízo de seu entendimento.

Para a elaboração da grinalda, pode-se utilizar uma trova já existente, colocando-a como início ou desfecho do poema formado.

FANTASIAS

Olga Amorim
(Dedos de Prosa, João Scortecce Editora, 1992)

Minha lembrança mais antiga de carnaval é uma fantasia de As de Ouro. Toda branca, losangos amarelos aplicados na saia e no chapéu de cartolina forrado de tecido, subindo em ponta sobre a testa. Em casa, a confecção de fantasias para o corso reunia minha tia, vizinhas, amigas, enquanto nós, as crianças, ficávamos lá no fundo do quintal batendo tampas de panelas como pratos e cantando:

Viva o Zé Pereira, viva o Carnaval.
Viva o Zé Pereira que morreu lá, rá, lá, rá,
debaixo da bananeira.

E havia a chamada para o café com sequilhos, pão com geléia de manga. Música, festas, comemorações e carnavais foram uma constante em minha família de musicistas.

O corso era animadíssimo. Dos grandes sacos, confetes às mãos cheias, serpentinas à vontade unindo os carros entre si, das calçadas jogadas à rua por cima dos fios de iluminação deixavam o chão forrado de papel. Os carros de capotas arriadas arranjados com travesseiros sob colchas adamacadas para melhor conforto das senhoras. É claro que nem todo mundo possuía carro próprio ou podia alugar por hora, de algum motorista. Assim que, o número de caminhões enfeitados cheios de foliões barulhentos era bem maior.

Ah, aquelas nuvens grandes, pretas, ameaçadoras prenunciando chuva forte para estragar o corso?! Era hora das simpatias – encher copo com água, quebrar um ovo dentro, colocar no peitoril da janela. Bem longe das mangueiras, das sombras, a pá cheia de cinza despejada devagar, com cuidado na terra, em forma de cruz. Em seguida fincava-se o machado, deixava ficar, esperando TM

*São testemunhas caladas
do nosso amor e carinho
as duas letras bordadas
no velho lençol de linho.*

Thereza Costa Val

*São testemunhas caladas,
discretas e confidentes,
que sofrem amarfanhadas
no colóquio entre dois entes.*

Foram sempre companheiras
do nosso amor e carinho
essas marcas prazereiras
que decoram nosso ninho.

A nós dois muito apegadas,
vigando a intimidade,
as duas letras bordadas
quando a sós sentem saudade...

Monograma delicado,
tendo a maciez do arminho,
deixa o nosso amor selado
no velho lençol de linho.

Fernando Elviro Costa

Menino pobre, de rua,
sem afeto, sem carinho,
vive a chuva, o sol, a lua,
qual avezinha sem ninho.

Qual avezinha sem ninho,
guri de rua tem garra;
se a vida é luta de espinho,
qualquer migalha, ele agarra.

Qualquer migalha, ele agarra,
sem nunca esperar carinho...
A vida é ganha na marra:
luta o menino sozinho!

Luta o menino sozinho
e em tantas lutas esbarra!
seja qual for o caminho,
na rua, a vida é "uma barra"...

Qual avezinha sem ninho,
qualquer migalha, ele agarra...
Luta o menino sozinho:
na rua, a vida é "uma barra"!

Thereza Costa Val, de Navegando em Quatro Versos
(Correspondência: Rua Guilherme de Almeida 115, Apto. 102
30350-230, Belo Horizonte, MG)
Edições Marthe, 1999

Menino de rua
dorme como se morrera.
– Modorra da tarde.

Edson Kenji Iura
(Caqui, 06.98)
<http://www.kakinnet.com/caqui>

KIDAIAS DE VERÃO

No sertão agreste, o mandacaru resiste, ao sol forte e à seca. Albertina C. G. dos Santos	Fitas... cores... brilhos... sonhos... amor... fantasia! – Escola de Samba! Heloisa Sauerbronn Brandão	Passista sambando paetês e plumas brancas anjo decaído. Maurício Robe Barbosa
Sem poder dormir a pequenita chorava. Era o pernilongo. Alda Corrêa M. Moreira	Sua perfume invade toda a sala. Na jarra uma rosa. Hélvécio Durso	A tarde dorme, o silêncio é geral. Doce mormaço. Nadyr Leme Ganzert
Segunda-feira mancha na parede se mexe cinza mariposa. Carlos R. Barbosa de Jesus	Mormaço enganoso... Ao turista descuidado a pele queimada! Hermoclydes S. Franco	Rosa, rosas amorosas, olorosas. Nelson Brotto
Voltando à teia, a aranha apressada colide com pétalas... Clície Pontes	Tamborins e surdos excitam e mexem bumbuns... As cuicas gemem! João Elias dos Santos	Murcha, a roseira, num grito de amor à vida, exibe um botão. Olíria Alvarenga
Catixinas nas mãos fósforos fazem lembrar escola de samba. Clóvis Moreira Santos	A perna alongada dos faminosos pernilongos ...o fim da picada. José Walter da Fonseca	Vestido de flores, o mandacaru resiste ao verão intenso... Santos Teodósio
Voeja a mariposa fecho os olhos devagar. Deixo a luz acesa. Djalda Winter Santos	Chuva de verão lavando gente e mais gente! Mas não... a saudade. Leonilda Hilgenberg Justus	Na madrugada, arrasto de sandálias. Carnaval de rua. Sergio de Jesus Luizato
Guarda-chuva azul corre afilto atrás do bloco... Criança quer carnaval! Douglas Eden Brotto	A moça de branco com sorriso "Mona Lisa" após o toró... M. U. Moncam	Um buquê de rosas chega em meu aniversário trazendo emoção. Sueli Teixeira
Riso colorido do Morro à bela Avenida... Escola de Samba. Ercy M. M. de Faria	Em noite nublada a lua afilta se alegra com o girassol... Marcelino R. de Pontes	Dias de toró. Entre os sonhos afogados um cão resistindo... Teruko Oda
Brilhante Rei Sol – lendário encanto aos vassalos – abre o girassol... Fernando L. de A. Soares	Com graça e grandeza sob o estandarte de Momó desfilam brasis. Maria de Jesus B. de Mello	Ao sol do verão, menino lambê o sorvete. Respinga doçura. Thereza Costa Val
Escola de Samba, arte, cores, melodia... alma da folia.	Bem gravados furos traça deixa no meu Livro de Recordações...	Tecendo o verão cigarra canta feliz desponta o sol.

Fernando Vasconcelos

Mariemy Tokumu

Yara Shimada Brotto



Kigos para os três haicais a serem entregues

até o dia 10.03.99:
Banzeiro, Caracol, Rei Momo.
Até o dia 10.04.99:
Águas de Março, Arara, Caqui.

Fazer um haicai é como tirar uma foto ou filmar. Vemos o kigo (focalizamos), sentimos, com a mente vazia (sem preconceitos), o que estamos vendo (fotografamos ou filmamos) e escrevemos (revelamos), compondo assim um haicai com kidai, ou seja, haicai com tema da estação, por conter, como assunto principal o kigo, palavra de sêzão. O haicai deve ser narrado no instante da ocorrência e à vista do kigo, com 5-7-5 sílabas poéticas (sons) com um corte (ou brecha) após o 1º ou 2º verso, mas de forma tal que o leitor não se "perca" no relacionamento de ambas as partes, nem estas estejam por demais relacionadas. O haicai conterá ainda sutilezas que o leitor perceberá por si mesmo, sem a aparente explicação do autor.

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos kigos, em uma única ½ folha de papel carta ou ofício, escrever o nome e o endereço e assinar. Despachá-la normalmente pelo correio, com nome e endereço do remetente, até o dia 10 do respectivo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três kigos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais, bem como usar sinônimos corretos.

Enviar para: **Manoel Fernandes Menendez**
Praça Marechal Deodoro 439, Apto. 132
01150-011 - São Paulo, SP

2. Posteriormente o haicaísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. O haicaísta se compromete a enviar numa folha, que será entregue até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa sua seleção. A folha conterá, respectivamente, o nome do haicaísta selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicai assim escolhido, sob pena de não o fazendo, perder os votos que venha a receber os haicais de sua autoria. Escusado dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do fim do mês seguinte.

TM que a chuva se dispersasse, fosse cair longe. Aceitação, conformismo, nada disso.

Nem sempre dava certo: era a ventania no arvoredor, trovões, nós correndo para dentro, as galinhas e pintos apressados para o galinheiro, nosso cachorro assustado, portas e janelas sendo fechadas, o coração apertado, caía o toró.

Nun ano, o bloco de casais saiu de arrumadeiras e cozinheiras. Eu também, ganhei uma fantasia igual. Mas, a glória foi minha fantasia de borboleta cor-de-laranja: vestido sem mangas, corpo comprido, saia bem curta de organdi duplo, franzido. O corpo da fantasia e a calcinha forrados de *faulle* da mesma cor. E as asas então: transparentes, montadas em arame e pintadas a mão. Na cabeça uma tiara fina, as antenas brilhantes elevando-se do centro da minha franjinha lisa. O resto dos cabelos era uma fofura só. De manhã, tiras de papel pardo enrolados junto com cada mecha de cabelos molhados e soltos depois de secos. Eram os papelotes. Desta vez para um espetáculo teatral que realizou-se no Cine Trianon. Haviam outras borboletas no meu número mas, lembro-me de mim mesma. Porque, modéstia à parte, estava linda. Ao som da música, entrei na ponta dos pés, passinhos curtos, os braços estendidos para trás. Voltei em curvas, adejando, finalizei à frente, lado esquerdo no palco onde imaginei pousar. Sem erro. Esqueci a recomendação: de pé, no corredor da direita, os gurus da vizinhança, amigos do meu irmão olhando-me fixo.

Com a diferença de nível entre nós, esqueci minhas lindas asas, fantasia, tudo mais e, tomei consciência das minhas coxas à mostra e a calcinha que deveria estar aparecendo. Senti o rosto afoguedo, o coração batendo forte mas era como brinqueado de estátua – continuei imóvel. Apenas levantei o rosto, tirei os olhos, voltei-me desdenhosa, olhando lá longe para as portas de saída. No Carnaval, aquelas asas só me atrapalharam sem contar o incômodo do organdi me beliscando o tempo todo.



IPÊS EM FOLHA

No horizonte, a lua transfigura as araucárias... Cálices sagrados! Anália Marie G. Bornheim	Do alto da colina a última araucária contemplando o vale... Luís Koshitiro Tokutake	Dia da bandeira: um sonho verde-amarelo ergue-se num mastro. Renata Paccola
Galhos de araucária, são castiçais esperando a luz do luar! Leda Mendes Jorge	Com porte elegante araucária abre seus braços, buscando o infinito. Olga dos Santos Bussade	Curio cativo, canta e fita o firmamento. Não sabe chorar! João Batista Serra
Dia da Bandeira. Tremulam no alto do mastro nossas esperanças. Humberto Del Maestro	Curio tristonho desabafa na gaiola. – Floresta em silêncio. Humberto Del Maestro	Saudação ao sol. Curio, de flor em flor, trina e colhe orvalho. José N. Reis
Na pequena praça da imensa selva de pedra, cantam curios. Renata Paccola	Festa no colégio saúdam nossa bandeira soldados-mirins. Renata Paccola	Aurora de neve; araucária está grisalha. Clima de natal. Demétrio Sena
Alameda verde! Araucárias ordenadas soment no infinito... Edel Costa	O eco dos machados e do tombo da araucária no vazio do espaço. José N. Reis	Em meio ao cerrado, quais taças brindando ao céu crescem araucárias! Maria Madalena Ferreira
Terna proteção. Araucária estende os braços abrigoando os pássaros. Neide Rocha Portugal	Curio se ajoita entre as plumas do seu fraque. Rege a sinfonia. Demétrio Sena	O curio canta na gaiola pequenina. Roga a liberdade. João Batista Serra
Que felicidade! Gaiola ficou aberta, curio fugiu! João Batista Serra	Curio trinando, solitário na gaiola, liberta o seu canto! Leda Mendes Jorge	Cantando bem triste, curio vê a parceira presa na arapuca. Leda Mendes Jorge
O mastro, um bambu e no barbante a bandeira que o menino hasteia... Darly O. Barros	Um raio de sol beija a trêmula bandeira. Dia de homenagem. Maria Reginato Lubraciono	Garbosa desfralda. Dezenove de novembro, seu dia de gala! Olga dos Santos Bussade
Em volta das serras, as araucárias festejam... – Taças de esmeralda! Humberto Del Maestro	Sem poder voar, curio olha o infinito e solta seu canto. Cecy Tupinambá Ulhôa	Canta um curio. No quintal de minhas lembranças responde a infância... Luís Koshitiro Tokutake
Dia da bandeira, juramento de soldados, respeito e civismo. Ailson Cardoso de Oliveira	Saudações largadas ao vento verde-amarelo: Dia da Bandeira. Alba Christina	Tremulando aos céus, na praça dos Três Poderes. Dia da Bandeira. Cecy Tupinambá Ulhôa